

**DESVENDANDO O SEGREDO DO DISCURSO TEXTUAL
DE CLARICE LISPECTOR NO CONTO “AMOR”**

Simony Ricci Coelho (UNIGRANRIO)

simonyricci@hotmail.com

Mônica Saad Madeira (UNIGRANRIO)

monica.saad@bol.com.br

1. Introdução

A obra de Clarice Lispector se localiza na terceira fase do modernismo, que muitos preferem chamar de Pós Modernismo. Com relação aos contos de *Laços de Família*, pode-se dizer que Clarice Lispector inovou, não apresentando aquela estrutura rigorosa que o conto tradicional requer como espécie literária. A maneira dela fazer literatura marca-se pela originalidade e pelo modo anti-convencional como organiza o seu texto. Nessa linha de raciocínio a sua obra é elaborada à maneira que sempre provoca discussões e polêmicas, por parte do leitor. É a concepção da obra aberta, sujeita a interpretações diversificadas, em que o autor não entrega o produto pronto, para ser consumido.

É embasado nesse aspecto que surgiu o interesse de pesquisar e investigar o conto “Amor” do livro *Laços de Família* de Clarice Lispector, pois a leitura implícita Clariceana nos trás algo a ser desvelado. E para isso, é mister a leitura de vários autores no intuito de desvendar os segredos textuais do conto “Amor”, especificamente os elementos que constituem de leitura explícita e implícita neste conto.

Na realização dessa pesquisa primeiramente fazer uma leitura teórica como: Kock (2008), Lajolo (2002), Bally *apud* Melo (1971), Azere-do (2004), Fiorin (2007), Lopes (2005), Bakhtin (1979), na qualidade de verificar a concepção de língua, linguagem, leitura e a interação textual a partir de um posicionamento da linguagem em consequência a visão de mundo, como também a realização de leituras literárias como: Sá (1979), Nunes (1995), Rosenbaum (2002) e Coelho (1993), no propósito de se ter um aprofundamento referente a escritura Clariceana. Após essas definições, o estudo em questão dará seguimento por meio da leitura do conto “Amor”, a partir de uma análise discursiva com base teórica de Fiorin (2007).

Nesse estudo, irá compreender a complexidade textual a partir de um discurso Clariceana, a partir das alusões de Fiorin (2007) e Koch

(2008) que referem –se a leitura numa temática que autor-texto-leitor devem estar inseridos ao contexto social para poder desvendar os segredos que existem em diversos textos.

2. Considerações teóricas

2.1. Língua

As línguas são o resultado de convenções sociais que surgem através de determinadas condições históricas, geográficas, econômicas e políticas, ou seja, são fatos sociais e culturais. Quando uma língua é constituída, se torna uma estrutura ou um sistema dotado de necessidade interna passando a funcionar como algo natural.

Em conformidade a Saussure, Bally, citado por Melo (1971), um de seu discípulo, enfatiza: “a verdadeira língua é a língua viva, matizada das cores do sentimento, reflexo direto das palpitações da vida individual e coletiva”.

2.2. Linguagem

Azeredo (2004) insere a linguagem entre o homem e o mundo como um direcionamento quanto à compreensão das coisas e das suas relações, contudo é através da língua que o mundo se estrutura pelos seus significados, a partir dos atos comunicativos.

2.3. Linguagem e ideologia

Em se tratando de linguagem e ideologia é relevante fazer algumas alusões quanto aos argumentos de Fiorin (2007), que aborda linguagem como uma retratação de um aspecto social, para ele não existe a possibilidade de desvincular a linguagem da vida social, devido que todo saber está relacionado aos interesses sociais e nesse fato se dá o termo de ideologia como a visão de mundo, que aponta e explica a realidade e os ordenamentos de uma sociedade.

2.4. Linguagem e sociedade

Moita Lopes (2002) aborda o termo linguagem como natureza social à qual os participantes discursivos se envolvem em questões culturais, sociais, históricas, políticas e particulares.

No processo da elaboração do significado é mister o posicionamento do interlocutor quanto a sua apropriação em relação às posturas conscientes relacionada às identidades sociais perante a sua ação no mundo através da linguagem.

É relevante considerar a linguagem como um fator geralmente essencial e contribuidor na sociedade, é a partir dela que se constituem as identidades sociais num processo sociointeracionista no qual o discurso deixa de ser monológico e passa ter um discurso numa visão Bakhtiniana, ou seja; polifônico o qual oportuniza várias consciências dialogando no espaço sociocultural.

Em relação à concepção de língua como lugar de interação corresponde à noção de sujeito como entidade psicossocial, através de um discurso dialógico, ou conforme Bakhtin “polifônico”, onde todos os sujeitos interagem de forma ativa na constituição de suas representações na sociedade num posicionamento de um indivíduo engajado a sua cidadania. Nesse aspecto é relevante destacar Brandão (2001, p. 12), retomando as colocações de Bakhtin (1979):

...é um sujeito social, histórica e ideologicamente situado, que se constitui na interação com o outro. Eu sou na medida em que interajo com o outro. É o outro que dá a medida do que sou. A identidade se constrói nessa relação dinâmica com a alteridade. (BAKHTIN, *apud* KOCH, 2002, p. 16).

2.5. Leitura

Koch (2008), a respeito de leitura afirma que ela se dá pela construção de sentidos, sendo vista como uma assimilação de ideias, através de um processo interacionista entre autor-texto-leitor. Ele ainda acresce que na elaboração do texto o autor tem suas intenções, cabendo ao leitor o ofício de identificar essas intenções, através das marcas e sinalizações situadas no texto.

Assim, deve-se buscar um sentido no texto, tendo em vista que é a partir dessa concepção de leitura que se dá um posicionamento de forma interativa na sociedade ao exercício da cidadania.

Sendo assim, Moita Lopes (2005) situa a leitura com um ato comunicativo, tendo em vista que os leitores e escritores estão inseridos numa construção de significados a partir de suas ações relacionadas à sociedade, a política, a cultura e ao fator histórico. Assim ele acrescenta: “Ler é se envolver em uma prática social.”

3. *Breve história da obra de Clarice Lispector*

Coletânea publicada em 1960, *Laços de Família* que reúne sete contos inéditos e seis outros anteriormente publicados sob o título. *Alguns Contos* (1952). Clarice Lispector procura registrar nesses contos o processo de aprisionamento dos indivíduos através dos laços de família de sua prisão doméstica. Tais formas convencionais e estereotipadas são ritualmente repetidas de geração para geração. Como um preconceito, sem que se tivesse consciência crítica de sua validade.

“Amor” é o segundo conto de *Laços de Família*, cuja protagonista é uma dona de casa, que passa sua vida cuidando do lar e da família, como uma maneira de ocupar o tempo e fugir de si mesma. Nota-se, portanto, que não está feliz.

Nesse conto aborda a vida de uma dona de casa da década de 60 onde as mulheres inseridas naquele contexto histórico e social deveriam se casar e viver em função da família e de seus afazeres domésticos. Ana a protagonista desse conto representa o dia-a-dia dessas mulheres. O conto se apresenta de forma cotidiana, retratando coisas corriqueiras na vida de uma mulher dessa década. No entanto quem conhece a literatura de Clarice sabe-se que por baixo dessa banalidade proposta nesse conto, existe uma denúncia a sociedade através de uma leitura implícita à qual desvenda todos os mistérios, sentimentos, injustiças e significados textuais.

A personagem Ana é fraca, desajustada, frustrada que se esconde por trás de uma lasca que a envolve de náuseas e angústia. Quase sempre tem um momento de lucidez, despertando-se da rotina que a cega e esmaga, quando se revelam frágil e insegura. A única solução, então, é refugiar-se na rotina, onde se esconde das próprias fraquezas, ambições e

frustrações. Não passa, portanto, de mero fantoche, por lhe faltar a integração psicológica e liberdade de escolha.

Em tendência para a introspecção gera, em Clarice Lispector, certo cerebralismo manifesto através da linguagem paradoxal, mais em nível do pensamento e da ideia. É uma literatura de reflexão, que exige do leitor muito espaço para entender e desvendar o mistério que envolve aquilo que a autora quer transmitir. Essa postura da autora está evidentemente coerente com a concepção de obra aberta da literatura (pós) modernista.

A narrativa quase sempre se “quebra” por um momento de lucidez da personagem, o que constitui a espécie do clímax do canto. Depois tudo volta à normalidade, quando, quase sempre, se percebe a problemática apresentada.

4. *Desvendando os segredos textuais do conto “Amor”*

Segundo Fiorin (2007), o indivíduo ao ler um texto deve-se visualizar e definir as figuras (concreto) e o tema (abstrato), no intuito de ter a compreensão em sua amplitude, portanto a semântica textual nem sempre se apresenta de forma explícita. Conforme isso, em alguns textos, é mister fazer uma leitura aprofundada colhendo dados que constam nas entrelinhas. É isso que será realizado nesse estudo através da análise textual desse conto, uma pesquisa sobre a leitura implícita e introspectiva de Clarice Lispector.

No conto em estudo se apresenta primeiramente num discurso figurativo de forma cotidiana e banal como: pouco cansada, afazeres domésticos, tarde perigosa, cego, aranha, formiga, náusea-doce, frutas pretas, besouro, lago escuro, mosquito, café, sendo a partir do discurso figurativo que se dá a concretização de um discurso temático. Nesse caso, se o leitor não perceber a complexidade que essas figuras e não figuras representam de maneira ideológica (tema), não irá entender a função delas como uma denúncia social de um tempo histórico demarcado.

Fiorin (2007, p. 25), acrescenta a respeito da relação temas-figuras: “Essa relação temas-figuras revela um universo ideológico que considera a família a célula básica da sociedade, que vê os papéis sociais como algo natural, que prescreve que cada um deve contentar-se com que tem.”

No texto em estudo, utiliza-se figuras de natureza como *tarde perigosa*, *aranha*, *formiga*, *frutas pretas*, que remete um olhar semântico entre o claro e o escuro. O claro representa à pureza, o bem, a salvação e o escuro como o pecado e a perdição. No conto, durante o dia (claro) Ana está muito ocupada com seus afazeres e assim não tem tempo para pensar no tipo de vida que levava em seu contexto familiar. Apresenta-se como uma mulher feliz por estar casada e por ter filhos, como a maioria daquela época. Entretanto, quando vai chegando à tarde perigosa Ana já não tem o que fazer e ao mesmo tempo começa a escurecer e é nesse momento que cai a máscara dessa mulher, à qual começa a refletir sobre o significado de sua vida, em suas angústias, insatisfações, desejos incontroláveis, contudo nessa hora já está escuro e ninguém irá perceber os seus pensamentos pecadores.

Em relação à *aranha*, *a formiga* e *frutas escuras* se configuram na literatura por meio da epifania e na linguagem ideológica num fator não fenomênico, o que se denomina por “falsa consciência”, ou seja; o que foge do controle do nível fenomênico, do real. Esses seres da natureza de cores escuras que configuram o pecado numa leitura Clariceana, são remetidos como uma reconstituição da identidade de Ana, à qual quando se depara com esses elementos naturais sai de sua vida cotidiana, real e entra num mundo da inversão da realidade de forma idealizadora. Esse estado epifânico ou não fenomênico tem curta durabilidade, devido ao compromisso de Ana perante a sociedade.

Fiorin acrescenta:

A esse conjunto de ideias, a essas representações que servem para justificar e explicar a ordem social, as condições de vida do homem e as relações que ele mantém com os outros homens são o que comumente se chama ideologia. Como ela é elaborada a partir das formas fenomênicas da realidade, que ocultam a essência da ordem social, a ideologia é falsa consciência. (FIORIN, 2009, p. 29)

O cego, personagem, que se apresenta no conto “Amor”. Apesar de Ana se sentir infeliz no seu doce-lar é através da presença do cego que se viu na condição de certo grau de cegueira para poder enxergar determinadas coisas, devido que as coisas escapam sobre a luz acesa, tendo em vista que na escuridão tudo é revelado. Referente ao caos, Ana faz uma reflexão sobre a sua condição de vida a qual só pode enxergar o seu aprisionamento doméstico, qualquer deslize poderia promover-se como inoportuna perante a sociedade burguesa daquela época.

Fiorin (2007, p. 63) contribui a respeito do aprisionamento: “Todos os fatos sociais são explicados por determinações mecânicas, por uma série de leis similares às que regem os fenômenos naturais. O homem é visto como um ser condicionado mecanicamente pelo meio, a hereditariedade e o momento.”

Em outra virtude o cego é visto como algo sublime, como um escapamento da própria condição de vida, portanto não há preocupação de mostrar a sociedade um raciocínio lógico e coerente, no entanto, o cego enxerga com olhos livres e a partir desta concepção Ana começa a refletir o porquê de um cego mastigar chicles em extrema felicidade.

...Alguma coisa intranquila estava sucedendo. Então ela viu: o cego mascava chicles... Um homem cego mascava chicles./.../ Ele mastigava goma na escuridão sem sofrimento, com os olhos abertos. (LISPECTOR, 1998, p. 21)

Esse personagem de Clarice é o ser que oferece resistência àquele olhar que só pode ser o mesmo, àquele olhar da razão que, pela intensidade das luzes aplicada por ela mesma, ofusca nossos olhos, no lugar de nos permitir a visão. Este personagem apresentado por ela nega-se a utilizar o filtro do realismo ingênuo, filtro que procura manter o fantástico da vida cotidiana numa invisibilidade silenciosa; portanto, retiram de seus olhos as lentes das luzes no intuito de redescobrir a si e ao mundo, não fazendo concessões, olha-se desde a estranheza e mantém esta sua convicção, mesmo sabendo nesta opção, sendo sua própria existência, pode levá-lo, não a uma tranquila felicidade, todavia sim, a um caminho profundamente solitário, misturado à nossa essência.

A ambiguidade do paradoxo “náusea-doce” trata-se de uma angústia profunda, através de uma revelação que leva a personagem, a romper com o cotidiano. Sua libertação é de caráter sentimental: procura, então, nessa perspectiva, solidarizar-se com uma realidade mais ampla, onde coexistem aspectos contraditórios da vida. A sensação de náusea da personagem aparece de forma imprevista e desafia qualquer explicação lógica.

Nessa perspectiva, a natureza outorgou à mulher o papel social e sexual passivo, de acordo com a função que tem de desempenhar na procriação. Desde a posição receptiva adotada no ato sexual, até seus sentimentos mais profundos, tudo é determinado pela natureza. O amor e consequentemente o casamento seriam mais importantes para a mulher do

que o sexo, a mulher que procura apenas uma satisfação sexual seria um fenômeno anormal que contradiz as exigências sociais.

No entanto, se de um lado a mulher se coloca como passiva, condicionando-a ao papel de esposa e mãe, de outro lado, partindo da concepção de uma natureza não suficientemente lapidada, reproduz o discurso que situa a mulher como um sujeito que não evolui, como uma degenerada em potencial cuja sexualidade, possível de ser desregrada, representa um perigo para a espécie e a ordem social. Para a sociedade daquela época as mulheres estariam mais próximas das perversões do que os homens, já que é no sexo feminino que o instinto pode se desvirtuar mais facilmente.

5. Considerações finais

Na realização desta pesquisa fora relevante os estudos teóricos que contribuíram em relação à análise do conto “Amor”, o qual produz uma riqueza de elaboração textual, que se apresenta em sua maioria de forma implícita, sendo a missão de o leitor desvendar as marcas e intenções do autor a partir de uma descoberta ideológica inserida a sua visão de mundo.

Na ficção de Clarice Lispector em o conto “Amor”, destaca-se a introspecção: partindo da vida interior de suas personagens, preocupa-se a escritora menos em desvendar-lhes o mecanismo psicológico dos atos que a própria razão metafísica do seu estar no mundo. É através dessa consciência do existir que constata uma angustiada dualidade na inteireza do ser.

Num universo em que o documental e o fictício se misturam, com os ingredientes dessa narrativa de vida e de obra se organizam, considerando-se complexa a alquimia criativa em que ferver o líquido de mutações, metamorfoses, transfigurações, cujo segredo, em última instância, parece inviolável.

Durante todo o século XIX, em diversidades culturais e especializações tentam fixar a mulher no casamento e na esfera doméstica, no qual constroem uma dupla imagem feminina. De um lado, colocam a mulher como um ser frágil, sensível e dependente, construindo um modelo de mulher passiva e assexuada; por outro, verifica-se o surgimento de uma representação da mulher como portadora de uma organização física e moral facilmente degenerável, dotada de um “excesso” sexual a ser

constantemente controlado, portanto a mulher era vista como alguém sem condições de manter seus sentimentos e pensamentos sob controle, devidos á sua frágil estrutura, se degeneralizando, transformando-se em criminosa, pecadora.

Conforme a escritora Clarice, não há um porão secreto, não há uma verdade escondida que não possa ser desenterrada através dos instrumentos perfuradores do nosso intelecto. Sua proposta é de uma busca, ou melhor, de um encontrar-se reiterado com nossa própria existência, de um entregar-se à percepção do fantástico presente na vida a mais cotidiana, que nós, temendo a dor desta vertigem, procuramos negar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDREY, Maria Amália Pie Abib et al. *Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica*. 6. ed. Ver. e ampl. São Paulo: EDUC, 1996.

AZEREDO, José Carlos. *Fundamentos de gramática do português*. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

AZEREDO, José Carlos. *Gramático Houaiss da língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.

BAKHTIN, Mikail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

MELO, Gladstone Chaves de. *A língua do Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1971.

CARVALHO, Castelo de. *Para compreender Saussure*. 9. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1978.

COELHO, Nely Novaes. *A literatura feminina no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Siciliano, 1993.

EBING, Kraft. *A mulher e o masoquismo*. São Paulo: Ática, 1996.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa*. 6. ed. rev. atual. Curitiba: Positivo, 2004.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

FIORIN, José Luiz. *Elementos e análise do discurso*. 14. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

GERALDI, J. Wanderley; CITELLI, Beatriz (Orgs.) et al. *O texto na sala de aula*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2006.

GNERRE, Maurizio. *Linguagem, escrita e poder*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender*. 2. ed., 2. reimp. São Paulo: Contexto, 2008.

KOCH, Ingedore Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 6. ed., 6. reimp. São Paulo: Ática, 2002.

LISPECTOR, Clarice. *Laços de família: contos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LOPES, Luiz Paulo da Moita. *Oficina de linguística aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas*. 5. ed. São Paulo: Mercado das Letras, 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades e reatualização*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

NUNES, Benedito Nunes. *O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: Ática, 1995.

ROSENBAUM, Yudith. *Clarice Lispector*. São Paulo: Publifolha, 2002.

SÀ, Olga de. *A escritura de Clarice Lispector*. Petrópolis: Vozes, 1979.